

Revista Mídia e Cotidiano

Editorial

Volume 12, Número 1, abril de 2018

COMUNICAÇÃO POPULAR, COMUNITÁRIA E CIDADÃ: luta e resistência no atual cenário político neoliberal e conservador

POPULAR, COMMUNITY AND CITIZEN COMMUNICATION: struggle and resistance in the current neoliberal and conservative political landscape

Denise Teresinha da SILVA¹ e Pablo Nabarrete BASTOS²

O período histórico recente apresenta o recrudescimento do neoliberalismo e das forças conservadoras no Brasil e no mundo. No caso brasileiro, o cenário político de desestruturação de políticas públicas progressistas nas áreas de educação, comunicação, cultura e cidadania, de ofensiva aos direitos trabalhistas, ao serviço público, às populações indígenas, aos direitos das mulheres, de imigrantes, de negras e negros e da população LGBT, tem se agravado, combinada a interpostos jurídicos que visam conter manifestações populares por parte de governantes. E, tanto aqui como em vários locais do mundo, a grande mídia continua a iludir seu público, deturpando a maior parte das informações veiculadas. Contudo, também emergem neste cenário conservador e neoliberal globalizado, estratégias comunicacionais e políticas de reorganização das forças políticas progressistas nas ruas e nas redes.

A contextualização histórica acima, redigida para a chamada deste dossiê, pouco se alterou nos últimos meses. É um cenário que se produz e se reproduz com maior intensidade de 2016 para cá, com alguns desdobramentos e agravamentos no campo político, jurídico e comunicacional, mas cuja tônica permanece. Assim como, pelo que se

¹ Professora Associada da Universidade Federal do Pampa – Unipampa – Campus São Borja. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Produção em Fotografia da Unipampa (NEPFOTU) e líder do Grupo de Pesquisa Fos. Integrante do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/Unipampa). Coordenadora do GP Comunicação para a Cidadania da Intercom. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com doutorado sanduíche na Universidad Autónoma de Barcelona (UAB-Espanha).

² Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Professor permanente do PPG em Mídia e Cotidiano. Vice-coordenador pedagógico do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Comunitária e Publicidade Social (LACCOPS). Vice-coordenador do GP Comunicação para a Cidadania da Intercom. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

pode notar nos artigos deste dossiê, as forças populares persistem se organizando e fortalecendo narrativas e estratégias comunicacionais que dão estrutura, alento, consistência e mostram caminhos para a resistência, luta e superação deste cenário político neoliberal e conservador. A disputa de narrativas presente nas universidades, nas ruas, aldeias, nas redes sociotécnicas, mostram-nos que diferentes grupos étnicos, sociais e culturais estão lutando com ética e inteligência para que as trincheiras da comunicação popular, comunitária e cidadã possam resistir e derrotar a escalada do fascismo e da barbárie.

O artigo que abre este dossiê, “A Internet nos Movimentos Sociais e nas Manifestações Massivas no Brasil”, de Franciani Bernardes e Celia Barbosa, é o primeiro de quatro artigos que, com diferentes perspectivas de análise, mostram como as mídias digitais ocupam progressivamente lugar central nas lutas políticas e também nas análises de pesquisadoras e pesquisadores da comunicação, mídia e cotidiano. Neste artigo, as autoras mostram resultados de pesquisa sobre a apropriação das tecnologias da informação e comunicação como mecanismos de articulação e organização política por movimentos sociais. O foco recai sobre os seguintes movimentos sociais que atuam no estado do Espírito Santo: Coletivo Feminina, Assédio Coletivo, Levante popular da Juventude e o Fórum da Juventude Negra do Espírito Santo (Fejunes). A pesquisa mostra que, embora os movimentos sociais analisados reconheçam o potencial político e comunicativo das mídias digitais, eles também entendem que há forças sociais hegemônicas que limitam este potencial.

Nelson Toledo Ferreira escreve “As arenas midiáticas como palco de luta das minorias”, que reflete sobre a importância da articulação da representação política via arenas midiáticas. As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) proporcionam novos espaços de visibilidade para a reivindicação das demandas de segmentos minoritários, como a busca por direitos de mulheres, de negros e negras, de homossexuais, entre outros públicos que têm históricos de lutas e de exclusão social. Estes públicos encontram nestes canais alternativos lugares para defender seus projetos e políticas públicas, reforçando sua atuação política. Assim, Ferreira afirma que essas minorias ao utilizarem agendamentos e enquadramentos midiáticos não governamentais,

as novas arenas de luta, para levarem suas questões à esfera política, acabam provocando transformações na sociedade ao repercutir manifestações em prol da cidadania.

No artigo “Midiativismo em análise: contribuições de uma pesquisa de doutorado”, Antonio Augusto Braighi nos apresenta síntese de sua tese de doutorado, na qual estabeleceu parâmetros para analisar o discurso midiativista, investigando a produção discursiva do Mídia Ninja. Além da Análise do Discurso, com ênfase no campo da semiolinguística, o autor também fez uso de estudos sociológicos para avaliar vultoso corpus composto por 290 vídeos, que somaram 97 horas de transmissões simultâneas de protestos e resultaram em 600 páginas de diagnóstico.

Em “O anônimo na política: uma introdução ao problema do anonimato nos estudos de comunicação”, Eduardo Yuji Yamamoto e Guilherme de Freitas Vilas Boas Gomes utilizam a análise de conteúdo para refletir sobre o anonimato, definido como discursividade genérica e antigovernista, como força política com potencial contra-hegemônico. Os autores tomam como referência empírica, em suas análises e reflexões teóricas, a produção de imagens de dois grupos ativistas em suas páginas no Facebook: *black blocs São Paulo* e *Anonymous Brasil*. Para além de encobrir o rosto ou usar máscaras com o intuito de se proteger contra forças policiais, o anonimato aparece como gesto político radical, impessoal e antigovernista que mostra o descontentamento com a estrutura política e as representações políticas modernas: partidos, movimentos, comunidades etc.

O artigo “A democratização da mídia no Brasil pós-confecom (2010-2017): proposta de um estudo de caso”, de Carlos Henrique Demarchi e Maria Teresa Miceli Kerbauy, contribui com este dossiê ao trazer o debate público sobre a democratização da mídia no Brasil, aspecto central para a democratização da sociedade, após a realização da Conferência Nacional da Comunicação em Brasília, no ano de 2009. Por meio de revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas com representantes de movimentos sociais, os autores analisam o debate público sobre a democratização da mídia no Brasil no período 2010-2017. Os autores apontam que o debate público sobre o tema acabou se restringindo à sociedade civil, havendo poucos resultados práticos, retrocessos em

políticas públicas, redução dos canais de participação da sociedade civil e a principal pauta da Conferência, o marco regulatório, perdeu espaço nos últimos anos.

Marta Regina Maia e Andriza Maria Teodolino de Andrade escrevem “O cinema Maxakali: a narrativa audiovisual como ação política” sobre a produção cinematográfica dos Maxakali que utilizam uma narrativa filmica compartilhada e comunitária entre os membros da Aldeia Verde. O artigo analisa as narrativas filmicas da produção audiovisual indígena como um ato político, destacando a auto-representação de seus costumes, crenças, linguagem e memória, investigando como eles podem se tornar um caminho para uma pluralidade de narrativas em contraposição com a comunicação massiva sobre o povo indígena, reivindicando a resistência e a ressignificação da informação proposta por estes meios. Nesta produção, as autoras afirmam que a estética e a política são atravessadas pelas práticas comunicativas e sua consequente reverberação social.

Em “Na aldeia, na mídia, na rua: reflexões sobre a resistência Kaiowa e Guarani em diálogo com o contexto de golpe político no Brasil e com o campo hegemônico da comunicação”, Luciana de Oliveira apresenta a experiência contra-colonizadora dos povos indígenas Guarani e Kaiowa de Mato Grosso do Sul que promovem uma política de resistência às formas tradicionais dos meios de comunicação massivos através de produções realizadas por jovens e lideranças indígenas. As informações deste artigo foram retiradas de uma pesquisa etnográfica, ações de extensão em comunicação, artes visuais e cinema. A autora analisa ainda o diálogo entre os povos indígenas e o “mundo dos brancos” na busca por visibilidade. A luta por auto-representação e geração de contra-narrativas de Guaranis e Kaiowas reforça as ações de cidadania na afirmação da própria identidade e combate às imagens estereotipadas apresentadas, na maioria das vezes, pelos meios de comunicação massivos.

Ainda nesta edição, a Seção Livre apresenta cinco artigos que problematizam as mediações do cotidiano sob perspectivas distintas. Em “Comunicação, tecnologia e território no metrô de São Paulo”, Janice Caiafa analisa as relações entre os passageiros do metrô automatizado e o “ambiente maquínico”, conceito desenvolvido pela autora para designar o composto que enreda humanos, artefatos técnicos e a cidade. “Sobre ausências e silenciamentos: uma análise dos sentidos do Sistema Único de Saúde no Caderno Vida,

do Diário do Nordeste”, trabalho de Kátia Lerner e Clarisse Castro Cavalcante, discute as estratégias narrativas por meio das quais a imprensa enfatiza aspectos problemáticos do serviço de saúde pública em detrimento dos seus inúmeros benefícios para a população. No artigo “Tempos do conhecimento em exposição: tecnologias da memória e preservação digital do patrimônio”, Cecília C. B. Cavalcanti e Carolina da Rocha C. Matos refletem sobre a transformação tecnológica do passado em um espaço digital aberto à exploração. Em “Sapiens e Demens: o conhecimento comum na obra de Joseph Mitchell”, Mateus Yuri Passos evoca os conceitos de “conhecimento comum” e “ideologia do cotidiano”, desenvolvidos por Michel Maffesoli e Mikhail Bakhtin, respectivamente, para analisar a experiência do repórter da revista *The New Yorker* que retratava cenas e personagens cotidianas em vez de celebridades. Encerrando a seção, Eduardo Ritter aplica a ideia de “parresía” como concebida por Michel Foucault à análise das relações de poder na imprensa em “Parresía jornalística: a fala franca de Juremir Machado da Silva no embate discursivo com Luis Fernando Verissimo no texto de opinião”.

Com estes textos, esperamos que possam ter uma compreensão sobre o contexto da comunicação comunitária e cidadã a partir das experiências reveladas pelas pesquisas apresentadas. Elas oferecem um cenário de luta e resistência dentro de uma atmosfera política atual neoliberal e conservadora. Boa leitura!